

FATOS E NOTAS

ARCO QUE MUCHO BREGA, O EL O LA CUERDA (*).

E' a segunda vez que o Sr. Levillier a mim se refere para atribuir-me erros que sua inteligência ou sorte teria sabido corrigir. Calei-me da primeira vez por se tratar de uma questão de tal importância... que o leitor poderá ver e julgar por si. Dada porém a sua insistência — e precisamente através desta "Revista", onde o dirigir-se ao público brasileiro parece conferir-lhe o direito de *fulminar sentencias* a torto e a direito — vejo-me obrigado a uma resposta. Mas não tenho nenhuma intenção de perder-me em *puras habladurias*. Contestando, ponto por ponto, o Sr. Levillier, aproveitarei para abordar questões interessantes sobre os problemas vespucianos, e o farei, por assim dizer, por etapas, para não cansar a atenção do leitor.

Neste primeiro artigo focalizarei o ponto mais sensível da discussão: a gênese da "tese" vespuciana, que o Sr. Levillier se esforça em divulgar há dez anos. O próprio autor, de fato, oferece-me agora a oportunidade de apanhar esta "tese" em uma das suas manifestações patológicas: o "truque" dos documentos, como meio para afirmar uma solução pré-estabelecida. Em um segundo artigo procurarei apurar a legitimidade da interpretação dada pelo prof. Winter às cifras com as quais, no planisfério de Fano, é indicada a data dêste; interpretação que provocou no Sr. Levillier uma incontrolada manifestação de júbilo. Em um terceiro, então, de minha iniciativa, examinarei as relações entre o planisfério de Fano e as fontes vespucianas com as quais o Sr. Levillier pensa poder corroborar a sua "tese", a fim de obter a maravilhosa "congruência". E finalmente... finalmente, se tiver tempo e vontade, procurarei dar uma explicação ao pequeno *puzzle* da data dêste planisfério, para recolocá-lo no lugar devido na produção do seu autor, o genovês Vesconte Maggiolo.

(*) — Texto italiano traduzido pela Lic. Carla Inama, assistente da Cadeira de Língua e Literatura Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (*Nota da Redação*).

Como já disse em outra parte (CDC, 87 e segs.) (1), o Sr. Levillier não hesita, quando lhe interessa, em interpretar sem muitos escrúpulos os documentos de que faz uso, para ratificar de qualquer maneira suas afirmações. No segundo volume da *América la bien llamada* [8-9], há duas reproduções parciais do notório planisfério italiano conhecido pelo nome de Hamy (2): nessas reproduções as cifras de graduação de latitude foram alteradas à mão, evidentemente sôbre o positivo que servira para a reprodução; positivo que, por sua vez, também era uma reprodução! Desta maneira o leitor se encontra — como teria o direito de esperar — não diante da fotografia, boa ou má, de um documento que lhe possibilite controlar com tranqüila segurança as deduções dêste ou daquele estudioso, mas de uma cópia falsificada, à qual o texto que a acompanha faz, nas mesmas páginas, precisa referência. Em outros termos, o Sr. Levillier substituiu-se ao cartógrafo, manipulando a seu bel-prazer a graduação latitudinal dada no mapa, o que vem a ser, desprezando eufemismos hipócritas, autêntico “truque”. E a verdade seja dita: a graduação original situava o trecho de costa sul-americana correspondente ao périplo vespuciano de 1501-1502, segundo os elementos de que dispunha o desconhecido autor do planisfério, ou conforme a interpretação dada por êle a êsses elementos. Ora, os que fôrem ler o mapa sem dar-se o trabalho de verificar como as coisas realmente se dão — e êsses são a maioria — terão sob os olhos uma “apresentação” devidamente adaptada, onde aquêles mesmos elementos adquirem a precisa função de corroborar uma “tese” que, além de tudo, não se agüenta (3).

Em lugar de partir do Equador moderno — o mais setentrional (de A°) dos dois assinalados no planisfério, um no lado oriental outro no ocidental do pergaminho, como devia estar no pensamento do cartógrafo, a numeração que se lê nas duas reproduções, e sôbre as quais baseia-se o texto de Levillier, origina-se do toломáico: e assim tôdas as latitudes indicadas na margem esquerda ocidental do desenho, e intencionalmente referidas pelo cartógrafo aos territórios sul-americanos recentemente descobertos, são alterados de 5°. Mas

- (1). — Eis as abreviações mais freqüentemente citadas:
AB = R. LEVILLIER, *América la bien llamada*; Buenos Aires, 1948. CCV = G. CARACI, *Amerigo Vespucci cinquant'anni fa ed oggi*, in “L'Universo”, XXIV (1954), suplemento ao n. 3, 397-438. CDC = id., *Don Chisciotte... historiador*, in “Memorie Geografiche”, série II, vol. I, parte I — Roma, 1955, 29-127. LF = R. LEVILLIER, *Il Maiollo alla Mostra Vespucciana*, in “L'Universo”, XXXIV (1954), 959-966. LM = id., *O planisfério de Maiollo de 1504. Nova prova do itinerário Coelho-Vespúcio à Patagônia, em sua viagem de 1501-1502*, in “Revista de História”, São Paulo, VII (1956), 431-440. NM = R. LEVILLIER, *El nuevo Mundo*; Buenos Aires, 1951.
- (2). — Do nome de um dos seus velhos proprietários, que em primeiro lugar a fêz conhecida dos estudiosos (1886). Está conservada, agora, na Huntington Library, em San Máximo, Cal.
- (3). — Denunciei a alteração em CCV, 415. Levillier tentou uma justificativa em LF, 961, retomada e renovada a dois anos de distância, em LM, 435.

na realidade — note-se bem — a manipulação diz respeito sòmente às cifras que vão de 5° N a 35° S, porque *éste era o setor que interessava a Levillier*. Segue-se que o leitor, se por acaso fôr seguindo a graduação além das cifras alteradas, encontrará que o planisfério — como se apresenta nas reproduções dadas por Levillier — indica, ao N e ao S, duas vèzes 40° S, e que, dessa maneira... não possui Equador!! De fato, a seqüência dos números torna-se: 10° N, 5° N... 10° S! Coisa de arrepiar! E com tudo isto Levillier, que se abteve de advertir o leitor quando bem podia, não hesitou, depois, em afirmar que quis assim corrigir um erro!

Tendo já, no devido tempo, relevado estas e outras “brinca-deiras”, seria do meu agrado não voltar a elas mais uma vez. Mas como percebo que Levillier se esforça, mais uma vez, em afastar de si uma responsabilidade da qual não pode de maneira alguma esquivar-se, apresentando aos leitores da “Revista de História” de São Paulo uma versão do “truque” que é ainda uma nova tentativa de... truque, sou obrigado a pôr as coisas em seus devidos lugares. Tanto mais que os leitores da “Revista” não puderam, provàvelmente, conhecer o que há dois anos consegui relevar, sôbre êsse pouco edificante episódio de... “ética de la historia” (4).

Para que cada um possa julgar os motivos que levaram Levillier a alterar as duas reproduções — e dêste trecho de planisfério, para comodidade do leitor e para obrigação de documentação, anexo aqui duas fotografias que mostram suas condições, antes e depois... do tratamento — será necessário falar brevemente de um dos não poucos pressupostos apriorísticos que surgem, ao examinarmos criticamente a reconstituição da primitiva cartografia sul-americana arquitetada por Levillier. Segundo êste autor, já depois de 1488 pilotos e marinheiros saberiam por certo que a extremidade meridional do continente africano, o Cabo Agulhas, “estaba en 34° 25’, de latitud austral”; determinação substancialmente certa que, tornada de uso comum, teria mesmo chegado a constituir, em 1502, “un punto fijo de cotejo geográfico” (A. B., II, 9). Ora, como nos mapas mais antigos e também em alguns dos mais recentes, é falha, normalmente, a graduação na latitude, necessária para determinar qual fôsse, segundo o cartógrafo, a posição das terras recentemente descobertas que representa, aquêle dado de latitude serviria idealmente, sempre para Levillier, à eliminação da grave aporia. Se de fato traçarmos, como êle escreve, uma “linea imaginaria que vaya hacia la costa argentina, veremos que la cruza algo al sur de

(4). — Para quem não o souber, entre as maiores culpas atribuídas por Levillier ao nosso Magnaghi, está aquela de ter elaborado “una solución necesariamente (?) artificial reñida (= contrastante) por su índole con la ética de la historia”; cfr. AB, II, 290 e MM, 20.

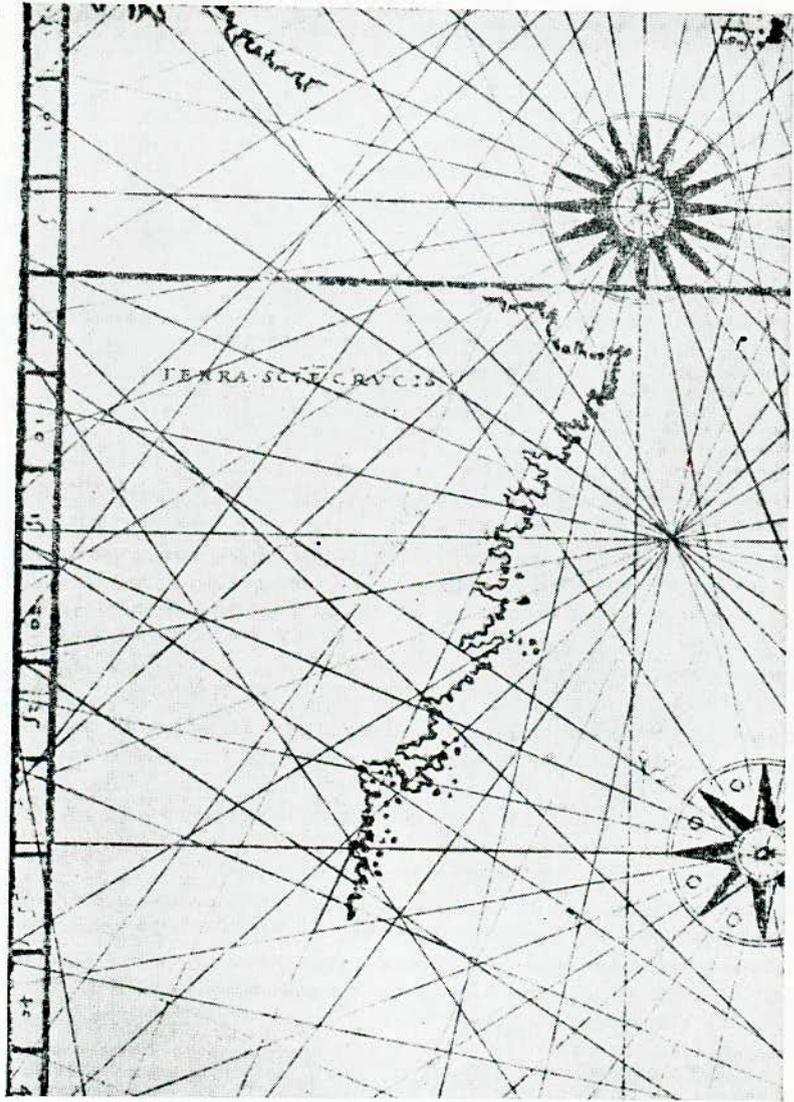


Fig. 1. — Pedaco do planisfério de Vesconte Maggiolo.

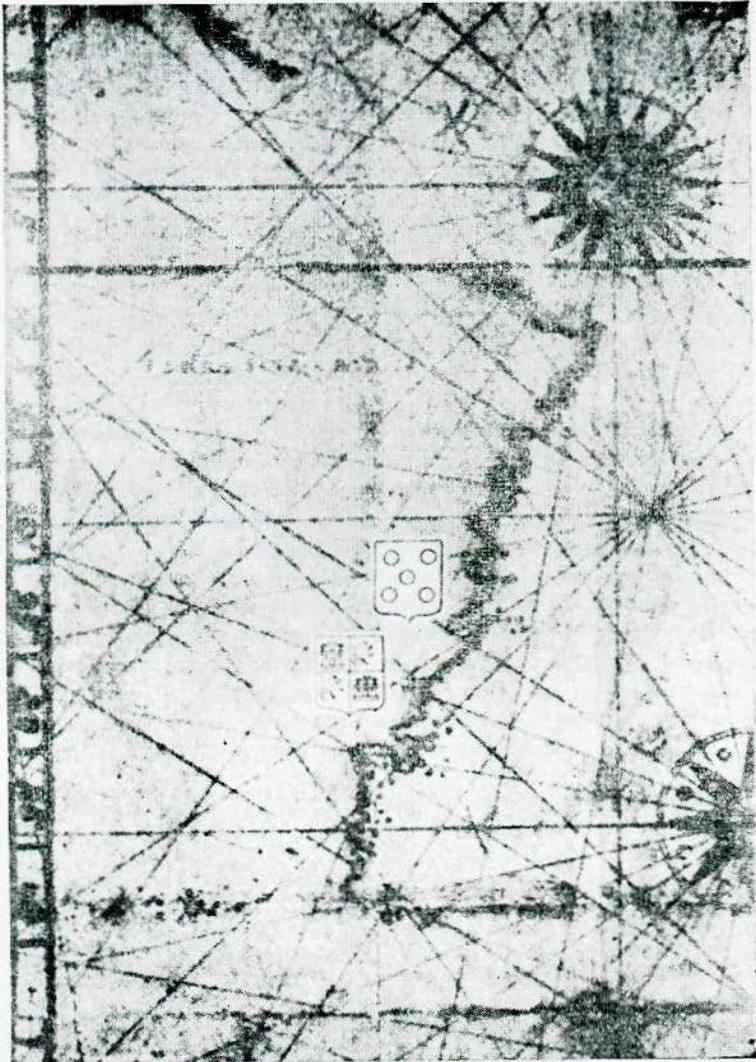


Fig. 2. — Pedaco do planisfério de Vesconte Maggiolo.

un vasto estuario, incluído en el mapa de Hamy, dejando todavia unos cinco grados de tierra hacia el sur” (ibid., 9-10).

O estuário deveria ser nada menos que o Prata e esta intuição de que “a latitude do Rio da Prata corre paralela com a da ponta terminal da África aos 35° S” — representa, por confissão do próprio autor, “o ponto de partida que lhe serviu de guia no labirinto de conceitos divergentes e dúvidas que cercavam o problema da 3a. viagem” (5).

Ora, as avaliações concretas de latitude atribuídas pelos cartógrafos da época à extremidade austral da África desmentem em cheio a afirmação de Levillier: os inúmeros exemplos dados por mim no artigo polêmico de 1955, publicado pela “Revista”, e os outros que mais tarde acrescentei (CDC, 85-86) e que poderia continuar a acrescentar, não deixam a menor dúvida a êsse respeito. A verdade documentada é esta: não existe, naquelas avaliações, pode-se dizer, *uma única cifra que corresponda a uma outra*; e a oscilação chega a ser até de 20°, dos 29° S aproximadamente do planisfério de Juan de la Cosa aos 50° S de Glareano.

E’ tanto mais oportuno insistir nestas e análogas constatações, às quais, por outro caminho, estão chegando diversos autores (6), desde que nestas constatações vamos encontrar uma confirmação ulterior ao substancial empirismo de Levillier, que eu relevei, controlando criticamente outros “pontos-chaves” da sua “tese” vespuciana. Mas aqui também teria preferido não ser obrigado a voltar ao assunto, se Levillier, em lugar de tentar — se possível — uma refutação qualquer do que demonstram documentos e cifras, procurando assim dar com um grãozinho de areia, uma contribuição construtiva, não tivesse preferido o diversivo banal de uma frase polêmica, com a qual tem a ilusão de poder, *inanes fundens* voces, retorcer sôbre outros aquela “ênfase generalizadora” de que redundam suas páginas.

Sed ad propositum revertamur. Comparando, portanto, o que Levillier declarou em 1954 no “Universo” com o que agora escreve na “Revista”, é fácil isolar certas variantes não desprovidas de significado. Eis como são apresentados aos leitores italianos os antecedentes do “truque”:

“Al momento della stampa, la tipografia ci rimandò la riproduzione fotografica (7), pregandoci di far rendere

- (5). — Cfr. R. LEVILLIER, *A propósito de Vespúcio. Crítica ou sabotagem?* in “Revista de História”, São Paulo, IV (1953), n. 16, p. 408 (LS).
- (6). — Cfr. L. FERRAND DE ALMEIDA, *Vespúcio e o descobrimento do Rio da Prata*, in “Revista Portuguesa de História”, VI (1955) de que eu conheço excertos.
- (7). — Para sermos exatos, as reproduções são duas: uma compreendendo o Atlântico meridional, com a maior parte da África e o litoral sul-americano (AB, II, 8), e a outra só o “troço” correspondente às descobertas vespucianas (ibid., 9). Note-se que esta segunda reprodução é ampliação parcial da primeira.

più chiare le cifre illegibili delle latitudini, e questo noi ordinammo ad un disegnatore. Egli non osservò che que sta carta — cosa insolita — presentava due linee equinoziais; una comincia ad oriente e termina al meridiano di Alessandria (8) mentre quella di Occidente termina con la costa orientale dell’Africa, sotto la linea di oriente cinque gradi più a sud. *Risultano errate le latitudini dell’Occidente*. Per dare un esempio, il parallelo segnato 35° sud nella scala orientale passa per il capo estremo (sic) dell’Africa, *il che è corretto* (9), ma non porta nella scala occidentale la graduazione di 30°. Il disegnatore, *emendando* le cifre illegibili della scala occidentale, utilizò quelle orientais, *correggendo così gli errori*, ma alterando nello stesso tempo senza alcun diritto il concetto dell’Autore della carta” (LF, 961).

Assim escrevia Levillier, na pressa de justificar o “truque”, logo depois da minha revelação. Mas eis como procura justificá-lo agora, passados dois anos. Transcrevo textualmente:

“...a gradação da escala acabou ilegível na cópia fotográfica, e a imprensa a devolveu pedindo que se aclarasse. Um desenhista o (?) fêz, sem reparar no fato realmente insólito de que esse mapa apresenta *duas* (10) linhas equinociais. Uma começa no Oriente e termina pelo meridiano de Alexandria, e a do Occidente termina na costa oriental da África cinco graus ao sul da anterior. O paralelo marcado 35° S na escala oriental, passa com toda exatidão pelo terminal da África (11) mas na mes-

(8). — Não posso afirmar que isso seja exato. O Equador tolomaico é desenhado por inteiro, mas termina ao O., onde a gradação indica 5 (exatamente em 4° N.). O moderno, ao contrário, termina na costa oriental da África, e não é contíguo. Ambas as linhas são mais largas em relação àquelas que indicam os “losangos”: o Equador moderno em todo o seu comprimento; o tolomaico até o ponto que coincide aproximadamente com o meridiano de Alexandria.

Esta disposição de linhas quer significar, sem dúvida, que as latitudes dos territórios recentemente descobertos devem ser procuradas na gradação ocidental, enquanto que a oriental vale para a extrema Ásia meridional; cujo desenho é, de fato, puramente tolomaico. Temos aqui um indício bastante claro de que o planisfério Hamy deve verossimilmente ser de uma época anterior àquela em que foram desenhados Kunstmann II e Canério. Levillier considera os três mapas como sendo de 1502.

E’ evidente que não podemos resolver o problema da atribuição de data a um mapa anônimo, sem termos antes examinado *todo* o conteúdo desse mapa, pelo menos quando não pudermos nos basear em dados extrínsecos. Mas, em AB, tal exigência não é satisfeita. Levillier limita-se a tomar em consideração, e muitas vezes também incompletamente, o que diz respeito às regiões da América meridional, e nem todas. E este é, em AB, o seu “método” para os outros casos do gênero. Outro motivo que torna incertas, discutíveis e freqüentemente erradas as suas conclusões; cfr. CDC, 72 e segs.

(9). — O grifo é de Levillier.

(10). — Também aqui o grifo é de Levillier.

(11). — Não estou de acordo. O que Levillier chama de *paralelo* é, para sermos precisos, um “losango”. Em todo caso, não é 35°, mas 29°, porque também para a África a gradação válida é a ocidental. Entre o traçado do “losango” e a extremidade austral do continente, há lugar para um pouco mais de 1°; calculei cerca de 1° 40’; assim, a latitude atribuída pelo cartógrafo à extremidade austral do continente é de cerca 30° 40’. A distância pode parecer pequena, mas é preciso considerarmos a escala do planisfério.

missima altura, na escala ocidental, se lê mal, mas se lê: 30°. Segundo Gallois (12), a linha que vem de Este a Oeste é lomeu, e a que vai de Oeste a Este a dos navegantes modernos. O desenhista, ao *esclarecer* as cifras, que são claras na escala original, utilizou as mesmas para a ocidental, alterando, sem direito, um conceito do autor do mapa” (LM, loc. cit.).

Reconhecendo a substancial concordância dos dois textos, dos quais um é — em última análise — a tradução do outro, as expressões tiradas ou acrescentadas, ou mudadas na versão mais recente que isolei em grifo, provam que a primeira reação de Levillier com a descoberta do “truque” é — como sempre acontece nesses casos — a mais genuína. Tomado assim de surpresa, Levillier reconhece a verdadeira origem do “truque”; aquela, cuja análise, feita mais adiante, põe fora de discussão.

O ponto de partida é, no primeiro como no segundo trecho, a ilegibilidade das reproduções (13). Fácil, fácil até demais, fazer restrições a êsse ponto. Não queremos, porém, ser muito minucio-

(12). — Falta o nome de Gallois no texto italiano. Foi acrescentado depois por Levillier que, quando preparou e imprimiu AB, não conhecia evidentemente a particularidade do duplo Equador. Ele continua mesmo a chamá-lo “fato realmente insólito” também no artigo em português. Mas é, no entanto, conhecido que a edição de mapas com o duplo Equador, favorecida por Sebastião Caboto, teve uma notável importância na atividade da Casa de Contratación. Tudo quanto Levillier mostra conhecer sobre este argumento reduz-se, portanto, às oito linhas, confinadas em nota, que Gallois lhe dedica no conhecido volume: *Les géographes allemands de la Renaissance*, Paris, 1890, 50.

Por outro lado, a questão não tinha sido posta pela primeira vez por Gallois. Mas não vamos tratar disso aqui. Aqui nos basta revelar que Levillier cita várias vezes, em AB, este volume de Gallois. Como, então, deixou êle escapar uma particularidade tão importante? Em AB, II, 8-10 são dedicadas ao planisfério Hamy — o primeiro e mais importante documento de toda a cartografia sul-americana — aproximadamente trinta linhas, as mais gerais e inconcludentes que se possa imaginar. Não obstante, Levillier não hesita em se vangloriar do próprio trabalho, onde “o trabalho de discriminação crítica foi constante e minucioso; revela-o o livro, mapa por mapa”; cfr. LS, 399. Arre! Vejam... a demonstração no meu escrito: CDC, 87 e segs.

(13). — Ilegibilidade? Realmente, não é possível adivinhar qual a reprodução que Levillier mandou fotografar. Suponhamos, porém, que fosse mesmo ilegível (hipótese, como veremos, insustentável), ou que fosse ilegível a fotografia. Nesse caso, seria sempre necessário explicar como Levillier não teve escrúpulos em publicá-la; tanto em AB (II, 10), como na “Revista” (1953, primeira e segunda ilustrações anexas ao artigo de Levillier, 383 e segs.), a reprodução de um outro planisfério contemporâneo a Hamy — Kunstmann II — tão tecnicamente falho, além de absoluta e totalmente ilegível, que qualquer editor um pouco exigente — como parece ser a Casa Kraft de Buenos Aires — não teria hesitado em inutilizá-la. E, notem bem, de acordo com Levillier, Kunstmann é a primeira carta náutica que inclui os nomes impostos por Vespúcio na sua expedição de 1501-1502. Pois bem, esses nomes, na reprodução de AB, II, 10, além de serem ilegíveis, nem se vê onde estão escritos. Na página de rosto, em AB, II, 11 está, sim reproduzido um “troço” desse planisfério mas a quase totalidade dos nomes é também ilegível.

Vê-se, portanto, que a sensibilidade da Casa Kraft, em relação à legibilidade das fotografias que deviam ser reproduzidas, subitamente se aguçou quando Levillier apresentou Hamy, e subitamente se extinguiu ao ver Kunstmann II. De fato, tudo é relativo!

sos. Bastará apenas mencioná-lo (14). Em todo caso, um dado resta, e incontestável: finalidade destas e outras reproduções anexas em AB era, e é, documentar a premissa apodíptica já mencionada: Cabo Agulhas e Rio Jordan encontram-se, ambos, aos 35° S; também os marinheiros da época o sabiam muito bem; *ergo*, os mapas contemporâneos só podem confirmar. Além do mais, dessa premissa, verdadeira pedra de toque para a discussão de toda a cartografia sul-americana primitiva (15), Levillier queria tirar — e acaba tirando, à maneira dêle — toda uma série de deduções, relativas tanto à demonstração de que Vespúcio alcançara vários graus ao sul daquele estuário, como também a cada localidade indicada no périplo-tipo, como se pode concluir justamente daqueles primeiros planisférios.

Ora, tais planisférios, para os quais Levillier reserva evidentemente um lugar de honra, não fôra apenas pelo motivo de haver atribuído — *a priori*, é claro — todos êles a 1502, são cinco: Hamy, Kunstmann II, Oliveriana, Cantino e Canério. Mas é preciso dizer logo que, excetuando um, *nenhum dêles tem graduação*; e apenas Cantino apresenta desenhados o Equador e os dois trópicos. Segue-se que, feita de certo modo exceção para êste último

- (14). — Como é óbvio, as cifras podiam ser ilegíveis, ou pouco legíveis, seja porque obliteradas no original, seja porque a reprodução mandada fotografar por Levillier não fôsse das melhores, ou seja porque o positivo enviado à tipografia não fôsse muito bom. Devemos excluir, todavia, a primeira das alternativas como o demonstra, por exemplo, o fato de que — na reprodução anexa à obra de Magnaghi (2a. ed., 213-3), ou naquela oferecida por Hamy, conhecida de Levillier, pois a cita em AB (II, 296) — *tôdas as cifras da graduação ocidental são claras e perfeitamente legíveis, salvo uma (o 30° S.)*. Restam os dois outros casos: teria sido fácil, porém, fazer um novo positivo de uma outra das muitas reproduções disponíveis, em lugar de mandar ampliar de um original falho. De qualquer maneira, nada justificava a alteração porque, mesmo admitindo que na fotografia entregue ao tipógrafo existissem apenas duas cifras legíveis — e existiam oito no mesmo positivo maior reproduzido em II! — *tôdas as outras resultavam claras por si*: de fato, a graduação procede de 5° em 5°. *Ergo*, não havia necessidade de “esclarecer” o que ao leitor pareceria perfeitamente claro.

Seria possível, também, pensar que se possa confiar a um desenhista uma tarefa como a de que nos fala Levillier, sem que o leitor — único responsável — verifique como tenha sido feito o “retoque”, antes que a obra seja impressa? E finalmente, por que Levillier fala de “erros”? Se pensava êle — como realmente pensou — que houvesse “erro” no mapa, é admissível que o cartógrafo o tivesse “corrigido”, sem dêle haver recebido ordens (“mandamos”, deixa escapar Levillier no texto italiano!) e instruções?

E mais: “esclarecer”, repassando com tinta as cifras já existentes, é uma coisa; substituir essas cifras *com outras e diferentes*, é coisa radicalmente distinta. E Levillier não teria percebido que o desenhista agira não entendendo, em substância, o que êle havia pedido? Se verdadeiras, seriam afirmações capazes de desclassificar quem quer que seja, logo de início.

- (15). — Premissa que nem ao menos se discute, “Nenhuma objeção, nenhuma chicana (?), nem o erro inexplicável (?) de Juan de la Cosa... pode afetar essa VERDADE ETERNA!”; cfr. Levillier in “Revista” cit., IV (1953), 408. E assim, frente a uma chuva de provas que ridicularizam essa pressuposta “verdade”, Levillier só sabe repetir a si mesmo, como se os documentos não tivessem valor algum; cfr. o seu trabalho: *New Light on Vespucci's third voyage. Evidence of his route and landfalls*, in “Imago Mundi”, XI (1954), 37 e segs.

— que, por outro lado, se encontra em condições pouco favoráveis diante dos outros, exatamente porque o setor que interessa à América meridional apresenta traços evidentes de alteração — nada de seguro pode-se tirar dos outros, para o que concerne o exato valor de latitude a ser atribuído aos périplos e às localidades indicadas na toponomástica. *O único planisfério, dos cinco, que apresenta graduação em latitude, é Hamy: o que lhe confere uma posição de absoluto privilégio precisamente para a demonstração que Levillier se propõe a dar.* Sòmente de Hamy é permitido tirar deduções seguras, sem caprichos ou divergências de interpretação, sòbre os valores de latitude atribuídos a esta ou àquela linha de costa, a esta ou àquela localidade, pelo cartógrafo, e justamente por ser o planisfério dotado de graduação latitudinal. Para todos os outros planisférios, apesar de tudo, as análogas determinações permanecem: ou conjecturais — como por exemplo na Oliveriana, onde falta um real ponto de referência; ou incertas — como em Kunstmann II, onde não se pode identificar com segurança as três linhas que à primeira vista pareceriam ser o Equador e os Trópicos; ou sujeitas a reserva, pela razão já esclarecida — como em Cantino.

Segue-se daí que a importância de Hamy só podia ser absolutamente fundamental, também e sobretudo para Levillier, por ser o *único documento* — portanto — *capaz de reivindicar para si valor dirimente*, dentro da geral e grande variedade e divergência dos dados de latitude obtidos dêstes mais diretos testemunhos do feito vespuçiano, como êle os considera. E se assim fôr, e não há dúvida de que assim tenha sido e seja, como admitir que Levillier não tenha feito um contròle exato “das bases documentárias” sòbre as quais ergueria sua construção, justamente só lá onde essas “bases” tinham um papel tão específico a ponto de não poderem ser substituídas? E’ claro que se êle não tivesse feito êsse contròle, teria dado prova de tal leviandade que chamá-lo empírico seria usar um adjetivo eufemístico por demais generoso em sua insinceridade. Mas é uma hipótese que nem sequer nos passa pela cabeça.

Podemos estar certos, matematicamente certos, de que Levillier já havia feito o contròle ou a escòlha. Quando as fotografias foram enviadas para a *imprensa*, Levillier já devia ter redigido o texto relativo, cujas conclusões, mesmo com a correção ou mudança de algumas palavras, eram bem determinados. Ou queremos admitir que exista quem mande fazer custosas reproduções heliográficas, que não devem servir como simples enfeites, antes de saber o que representam, atestam e demonstram? E então, torna-se claro que Levillier estava convencido, *antes, e não depois*

que o inocente *desenhista* quebrasse a cabeça para sair do embaço, que a latitude do Rio Jordan — unida, além do Atlântico, ao Cabo Agulhas, e ambas unidas na “verdade eterna” por êle descoberta através de uma fulgurante intuição — não era 30° S, como exigia a graduação posta ao lado do estuário revelado, onde a cifra “se lê mal”, porém 35° S, ponto astronômico imutável, onde êle havia colocado o padrão da sua descoberta.

Disse que Levillier já devia ter feito sua escôlha antes de mandar as reproduções para a tipografia, e que disso podíamos ter certeza. Mas vamos admitir que o assunto possa ser discutido, e consideremos então as *únicas* duas hipóteses possíveis: o texto de AB, com a pressuposta demonstração de que a “verdade eterna” é confirmada no planisfério de Hamy, ou é anterior à intervenção do *desenhista*, ou é posterior. Se fôr anterior, isto significa que Levillier, entregando ao desenhista (como êle o afirma, mas só no texto italiano!!) a tarefa de “tornar mais claras cifras ilegíveis” de graduação ocidental (que no texto português tornam-se legíveis!), aceitava aquelas cifras como correspondentes a quanto o texto afirma. Mas êste fala de 35°, enquanto a reprodução dá 30°. E então, teria Levillier exibido, em AB, um documento que contradizia exatamente as próprias bases da “verdade eterna”? Se, por outro lado, o texto fôr posterior; significa que antes era diferente, porque partia de 30°. Mas, então, qual era a “verdade eterna” que o texto defendia? Seria como querer sustentar que AB tenha sido inteiramente concebida e escrita depois da revelação do desenhista!

Mas *todo no se acaba aqui*. Como em outros casos, Levillier não se deu por satisfeito com sustentar sua outra idéia fixa, de que a *raya* se identificasse, pontualmente, com 46° 37' O. Grenw., mas quis fixá-la e ostentá-la de maneira tangível, opondo, em correspondência ao seu suposto decurso, de um lado e do outro de suposto meridiano, as duas insígnias de Espanha e Portugal. Duas suposições — naturalmente — cuja historicidade e exatidão permitem as mais explícitas reservas (16). Mas vamos adiante. O resultado é que um bom número dos mapas reproduzidos nos dois volumes de AB apresenta-se rabiscado de linhas, de hastes e de manchas — além de legendas que se referem a topônimos existentes ou supostos, e que só exprimem glosas do Autor — que se sobrepõem ao original, ao invés de fornecer uma cópia clara e perfeitamente genuína.

(16). — A “tese” do A. a êste propósito está explicada em AB, I, 63 e segs. Cfr. também o mapa demonstrativo que se encontra entre as páginas 80 e 81. Com relação aos motivos pelos quais a “tese” torna-se insustentável, cfr. o meu trabalho CDC, 93.

Segue-se, como Levillier explica no texto (AB, II, 26) e ilustra em um seu gráfico (Ibidem, 27), que uma *raya* assim traçada encontraria a costa brasileira em 25° S, a latitude de Cananéia. Ora, como a única coordenada indicada pelo cartógrafo é, em Hamy, a latitude, quando se tratou de colocar os dois braços na reprodução deste mapa, Levillier — *antes e em lugar do desenhista* — partiu precisamente desse ponto do périplo, *pela simples razão de não poder agir diferentemente*. Segue-se, portanto, que por essa exigência Levillier — *antes e em lugar do desenhista* — teve que determinar no desenho do mapa, o que quer dizer sobre a sua fotografia, este sinal indispensável de referência. Tudo, pois, é possível admitir, menos isto: que Levillier possa não ter examinado, mesmo de fugida, as latitudes, como eram realmente indicadas nas duas graduações de Hamy. *Entim, de qualquer ângulo que se focalize o “truque”*, torna-se evidente, e inevitável, precisa, peremptória, a responsabilidade de Levillier.

Mas ainda há mais. Que tudo tenha acontecido como dissemos, confirma-o, sem querer, o próprio Levillier. Deixou-o escapar, e também desta vez... não percebeu! De fato, o seu primeiro artigo em italiano, escrito quando êle ainda não conhecia exemplos de mapas com duplo Equador, reputa completamente “erradas as latitudes do ocidente”, e reitera, no entanto, estar “correto que o caso extremo da África” esteja colocado em 35°, ao passo que “na escala (sic) ocidental tem a graduação de 30°”. E era êste exatamente o *êrro* que precisava corrigir. Um *êrro* que êle, Levillier, já havia corrigido no texto, convencido, por artigo de fé, que a dêle era a “verdade eterna”. E eis porque, enquanto no artigo português o desenhista “esclarece”, isto é, torna mais claras *cifras ilegíveis*, naquele italiano “emenda” e “corrige” erros. Não há dúvida: a substância é a mesma. Em um e outro casos a operação resolve-se com o providencial desenhista que “altera sem nenhum direito” — como se existisse êsse direito — “o conceito do autor”. Mas no fim tudo é a mesma coisa, porque alterar, mediante um esperto equívoco, a ilegibilidade das cifras com a sua correção, serve à finalidade pretendida — se servir, naturalmente — só para os... bobos! Quando alguém comete um despropósito apenas tem a coragem de confessá-lo bem baixinho e usando de sutilezas.

Nem Levillier venha contestar — admitindo que o desejo — ser esta interpretação arbitrária, e afirmar não ter tido nem a intenção nem a necessidade de “corrigir” nada. Os fatos falam de modo claro. E não somente os que apresentamos, mas o de todo o procedimento por êle seguido na reconstrução da primitiva cartografia sul-americana. Esta reconstrução pressupõe, de fato, que

seja demonstrado aquilo que os mapas não dizem. Os mapas de-têm-se pouco ao sul do Trópico; Levillier deve fazê-los prosseguir além dos 40°, até mesmo 45°, 46° ou 47° S, se quiser que sua “tese” se sustenha. Daí a exigência de “corrigir” o desenho dado pelos mapas, ou de encontrar pretextos para deixar crer que o que êles dão não é o que realmente querem significar, pois o pensamento do cartógrafo torna-se *claro* apenas na interpretação que êle — Levillier — sabe dar.

Como êsse procedimento se desenvolve e se concretiza, mostram com evidência as vinte ilustrações reproduzidas em AB, II, 241-245. Nelas, os périplos de outros tantos mapas, desde Hamy, *que abre a série*, ao planisfério graduado que permitiria reconhecê-los como colocados no seu lugar certo, segundo coordenadas geográficas: ao lado do desenho do original, encontra-se aquêle do corerrespondente mapa moderno. Não pretendo, naturalmente, discutir aqui êsse sistema que, em substância, é três quartos de fantasia, e que parte de pressupostos inaceitáveis. Limite-me a constatar os fatos. E os fatos patenteiam que, onde as divergências entre a realidade documentária e a “tese” são mais estridentes, o Autor introduz, ao lado do desenho, pequenas “intercalações”, onde tudo se ajusta conforme a necessidade da “tese”. Controle o leitor. Verá que êsse procedimento é usado tanto para Kunstmann II como para Canério, para Ruysch e Waldseemüller 1516, e sempre para a finalidade pré-estabelecida. O desenho do original é espi-chado, deformado, alterado conforme a necessidade; a toponomástica deslocada de maneira a mostrar o R. Cananor em latitudes sempre e notavelmente mais elevadas, assim como as outras localidades são colocadas onde *devem* achar-se, por necessidade, independentemente de como as havia disposto o cartógrafo e muitas vezes ao contrário. A didascália diz: *Carta modificada de acuerdo con las latitudes exactas*; e aqui, naturalmente, as *latitudes exatas* são, sempre e apenas, as “supostas” pelo Autor. Dessa maneria, enquanto se proclama a intenção de deduzir dos mapas as provas necessárias para a reconstrução das viagens, com base em dados pressupostos a elas relativos, “modificam-se” os mapas, para depois utilizá-los como provas! (17).

Seja como fôr, uma coisa está bem clara: tôda essa “apresentação” reduz-se a uma “correção” que nada mais é, afinal, do que um “truque”, ou melhor, um “truque organizado”, diante da verdade histórica. E como podemos crer que Levillier pretendesse agir diferentemente com Hamy?

(17). — E o melhor é que Levillier não tem escrúpulos em afirmar que a solução dada por Magnaghi ao problema vespuciano representa um exemplo de “história dirigida”! *Vive diez!*

Isto chega? *Ni con mucho!* Na verdade, Levillier deve ter uma bem triste opinião dos seus leitores! Como sempre, quer estar com a razão, custe o que custar. E reforça. Não houve “truque”; foi apenas uma inocente *distração*: e mais, “não favorece (18) essa inadvertência à prova para a qual originariamente ia utilizando o mapa de Hamy, conjuntamente com Pesaro, Kunstmann II, Cávério e Cantino, todos de 1502”. Essa prova, enquanto algumas linhas antes devia corroborar a peregrina “verdade eterna”, como vimos, — sendo essa prova um seu simples corolário! — poucas linhas depois deveria defender a não menos peregrina idéia de que o planisfério Hamy e os outros quatro agora lembrados coloquem fora de dúvida o fato de que o Rio da Prata e o litoral patagônico tenham sido explorados desde 1502; demonstração dada “não com as latitudes escritas, mas com o desenho da relativa costa atlântica” (?) (19).

Ora: o leitor dê uma olhada nas duas reproduções aqui anexadas. Perceberá logo que, no “trozo” não falsificado, a linha da costa alcança apenas 33°, enquanto que a grande península bifurcada que, segundo Levillier precederia ao N. o ingresso ao estuário do Prata, resulta colocada entre 25° e 27°. Mas, aumentando de 5° estes valores — como foi obtido mediante o “truque” — o ponto mais meridional desloca-se naturalmente até 38° e a península bifurcada até 30°-32°. Não é ainda tudo o que se “devia” documentar, mas, por enquanto, nas tabelas que sintetizam, no fim do capítulo correspondente, em AB (II, 49-52), os dados característicos atribuídos às cartas náuticas mais antigas, onde se refletem os resultados da viagem vespuciana de 1501-1502, o “término de la costa según la graduación de la carta” (20) registrado para o planisfério Hamy é exatamente o 38°, enquanto que nas “conclusiones” que se seguem às tabelas, o estuário do Prata dá ainda um pequeno salto para... baixo; e desce até mesmo a 35°. E se assim fôr, — e qualquer um está em condições de controlá-lo — como pode

- (18). — No artigo escrito em italiano o A., mais prudente, escolhe a neutralidade: “em nada prejudica ou favorece a prova”!
- (19). — Sim!, mas, como em Hamy não existe toponomástica, não o desenho somente — o desenho como tal — será comprobatório da demonstração que Levillier pretende dar, mas o desenho como resulta colocado em uma dada latitude. Voltamos, assim, mais uma vez, à graduação!
- (20). — Na citada tabela de AB, II, 50 são dadas as cifras daquelas que deveriam ser as latitudes do “término de la costa” nos mapas examinados por Levillier. Há duas colunas: na primeira, as cifras do “término según la graduación de la carta”, na segunda, “según la nomenclatura u otros indicios”. Lêem-se assim, na primeira, as cifras relativas a Kunstmann II e a Cávério, que não têm graduação; na segunda, aquelas relativas a Hamy, que não tem toponomástica!

Quanto aos *indícios*, o texto de AB não explica nada. E assim, através de *indícios*, isto é — na realidade — através de puros e simples arbitrios, o “término de la costa”, que em Hamy é exatamente de 33°, desce, como relevamos mais adiante no texto, até mesmo 45°! E ainda fala de “história dirigida”! Esta é, nem mais nem menos, “história corrigida”!

Levillier sustentar, em boa fé, que o ajuste destas cifras se deve exatamente, e somente, ao *desenhista*? Ele — autor da obra e criador da “tese” em questão — não teria, então, percebido que aquelas cifras *decisivas* não estavam em harmonia com a “graduación” do mapa? E teria percebido depois que meu artigo, — cinco anos mais tarde — lhe abriu os olhos? *Que lástima!*

Há mais ainda! Para que a “tese” de Levillier pudesse se agüentar, era necessário tornar patente que o “desenho da costa atlântica” dado pelo planisfério Hamy documenta, com a descoberta do Prata, também a do litoral patagônico, sem o que não poderemos levar Vespúcio — também nos mapas — àqueles 45°, ou 46°, ou 47° S que “devem” indicar, na “tese”, o limite austral alcançado pela expedição de 1501-1502 (e se não o conseguirem provar, adeus equação Cananea-Cananor; isto é, adeus “tese!”). Infelizmente, para Levillier, se já é problemático, como vimos, introduzir o estuário argentino no périplo desenhado naquele planisfério — e introduzi-lo, somente foi possível a Levillier graças ao... auxílio do *desenhista* — falar do litoral patagônico é como substituir ao documento o incontrolado arbítrio da fantasia. Mas Levillier não se detém ante estas dificuldades; e assim, na citada tabela AB (II, 50), o “término de la costa según nomenclatura (que não existe!) y otros indícios” (?), alcançaria nada menos que 48° S!

De fato, se êsse litoral se inicia, no uso corrente, por volta de 40° S, êle permanece absolutamente fora dos cinco mapas anexados por Levillier, pois que seu périplo se detém sempre ao N dêsse limite, por razões intuitivas (21). Como quer que seja, é evidente que, devendo “forçar” a prova, era necessário mostrar a todo custo — eis os “indícios”! — como também aquêles planisférios se prestavam à “Tese”. Daí um motivo a mais para efetuar pelo menos um

(21). — Deveria parecer supérfluo insistir em que os portugueses tinham todo o interesse em esconder que, em 1501-1502, tinham ultrapassado com Vespúcio a linha de marcação, entrando em território que poderia ser reivindicado pelos espanhóis. Não devemos estranhar, portanto, que os mapas de inspiração lusitana se detenham no desenho do litoral descoberto por Vespúcio, onde julgavam que aquêlê território começasse; e mesmo *antes* dêsse limite, para que não resultasse que, logo depois, a linha de costa recentemente descoberta entrasse em território não português. Como não devemos estranhar que êles tenham alterado as relativas coordenadas, para alcançar a mesma finalidade, sempre — bem entendido — dentro dos limites de uma validade razoável.

Em todo caso, mesmo esta explicação não estando certa, ou não sendo satisfatória, o *fato é que* — e é o que conta — *nenhum* dos cinco com o desenho além do 35°, assim como a sua toponomástica se conclui — em Hamy e Waldsemüller — sempre com o rio de *cananor*, que evidentemente não indica o ponto mais austral alcançado pela expedição de 1501-1502, *mas apenas o que queriam que se acreditasse*, para não criar contestações.

“O erro ou ilusão de Levillier está em pensar que o Cananor de 1526-1590 (quando êsse topônimo é registrado pelos mapas) corresponde necessariamente ao dos primeiros mapas. Ora, o que encontramos no período de 1501-1502 não é Cananor em 46° (como, no entanto, deveria ser na “tese” de Levillier), mas sim uma série de nomes diferentes, embora parecidos: Cananor, Cananorum, Cananorino, Cananária — em latitudes diversas, quase sempre erradas por excesso, como facilmente se conclui pela posição de

“esticamento” de 5º em direção S, no único dos cinco mapas, onde havia uma gradação em latitude, e onde só as cifras “orientais” se prestavam gentilmente à necessidade.

E com tudo isto, deveríamos dirigir nossas iras ao infeliz *dese-nhista*? Francamente, seria também pouco generoso!

Y quédese esto aqui. Fique bem claro: a “história do truque” não acabou. Poderia continuar ainda por muito. Mas seria tempo perdido, nem o tenho para perder, a fim de esclarecer sempre mais a “ética de la historia” de que Levillier se fêz apregoador. A mim, basta ter demonstrado e — creio — *com documentos à mostra* que não há outra saída: ou a “história do truque” alcançou, como devia, o alvo, e não falemos mais nisso pelo menos até quando Levillier não tenha desistido de amolar os que não pensam como êle, ou devemos ainda repisar a ladainha do *dese-nhista*, para demonstrar que tôda a culpa é dêle, e só dêle, e que Levillier nada sabia e de nada suspeitava, até ter sido descoberta tamanha “bobagem”; nesse caso, devemos convir que a sua ingenuidade é capaz de alcançar alturas tão estratosféricas que não haverá adjetivo para êle. Esse adjetivo êle que o escôlha: ao leitor mais não importa!

P. S. — Para que, da análise feita dêste pouco edificante episódio, fiquem algumas idéias construtivas com relação às questões expostas e em harmonia com o que já expliquei (CDC, 87 e seguintes), parecem-me oportunas as seguintes conclusões:

1). — no planisfério Hamy não existe êrro que reclame correção, mas apenas “realidade” que deve ser entendida e explicada. E cabe ao historiador, justamente, não corrigir os documentos, mas torná-los inteligíveis;

lugares próximos bem conhecidos. Até prova em contrário, teremos de admitir que estas designações são variantes de um nome aplicado a um lugar da costa brasileira, em 25º, e que tem ainda hoje o nome de Cananéia”; L. FERRAND DE ALMEIDA, *op. cit.*, 37 (dos excertos).

Para não haver erros, acrescento que assim dizendo não se torna legítimo excluir, como justamente conclui o citado autor, que a expedição de 1501-1502 tenha chegado apenas até aí. Se a explicação dada não fôsse suficiente, poderíamos observar que “alguma coisa da verdade, embora não constituíssem notícias exatas, deve ter-se sabido, fora de Portugal, porque os mapas e os planisférios de Waldseemüller, Ruysch, Roselli, Schoner etc. dão o desenho do litoral sul-americano bem além do 35º e do 40º S”. Mas permanece com isso o fato de que a cartografia contemporânea, pelas razões aqui apenas esboçadas, não nos pode dar segurança alguma: e eis porque — *também* porque — deve-se considerar falida a tentativa de Levillier (cfr., a propósito, CDC, 72 e segs.).

O problema, por outro lado, é resolvido pelas fontes epistolares, que dão — as autênticas — por duas vezes a cifra certa: 50º S. Os contrastes sobre esta cifra surgiram apenas porque os textos apócrifos criaram a confusão que todos conhecem. E então compreendemos facilmente como, continuando a considerar autênticos tais textos, exista quem acabe por concluir não poderemos mais ter confiança em nada; cfr. apenas para dar um exemplo G. LE GENTIL, *Découverte du monde*, Paris, 1954, 76 (Le Gentil está no rastro da “tradição” portuguesa!).

2). — o uso do duplo Equador é atestado, no decorrer do século XVI, por outros mapas; apenas, permaneceu completamente ignorado por Levillier. Mas não é possível tirar conclusões de um documento que não estamos capacitados a entender;

3). — a duplicação da equinocial já tinha sido relevada e estudada por mais de um autor; entre outros, por Magnaghi, mesmo considerando somente o seu conhecido volume sobre Vespúcio (22). Está assim confirmado o que já tive oportunidade de demonstrar: Levillier tem um conhecimento apenas superficial das obras do nosso saudoso cientista. O que não o impediu, e não o impede, de acumular juízos estapafúrdios sobre êle, em que não saberíamos dizer se é maior a intemperança das ofensas gratuitas, ou o atrevimento de um empirismo que procura em vão sair de seus acanhados limites;

4). — estudando os escritos de Magnaghi, Levillier teria aprendido, no caso específico, não poucas coisas: entre elas, que o uso do duplo Equador não é devido à ignorância do cartógrafo — como êle, corrigindo, apressara-se a concluir — mas intencional;

5). — a diferença dos dois equadores é de cerca de 4°, e não de 5°, como é calculada um pouco grosseiramente por Levillier. E isso é bem visível também nas reproduções por êle exibidas;

6). — pelo ponto mais meridional da África não passa, no planisfério Hamy, nenhum paralelo. Um pouco mais ao N., a extremidade austral do continente é cortada por uma linha que coincide com um paralelo, embora sendo propriamente apenas um “lo-sango”. E esta linha, traduzida em termos de latitude, corresponde a 30° 40' aproximadamente, naturalmente na graduação ocidental, pela qual — somente — podiam dirigir-se os marinheiros;

7). — se, como pensa Levillier, a cartografia da época e particularmente os dados de latitude que atesta pudessem legitimamente ser considerados idôneos a fornecer-nos uma orientação para a reconstrução das viagens vespucianas — como, aliás, de qualquer outra viagem — a análise do planisfério Hamy refutaria em cheio a “tese” dêste autor, e exatamente em seu ponto focal;

8). — quanto mais cedo nos convenceremos de que os cinco planisférios citados não trazem contribuição alguma à “tese” de Levillier, orquestrada sobre o *leit-motiv* puramente imaginário Cananea-Cananor, mais cedo prestaremos um serviço ao progresso dos estudos vespucianos;

(22). — Além do que se lê nesta obra (ed. cit., 213-214), deve-se consultar do mesmo autor *Amerigo Vespucci e Sebastiano Caboto “pilotos mayores” di Spagna, secondo un recente libro spagnolo*, in “Riv. Geogr. Ital.” XXXIII (1925), 198.

9). — as observações feitas, confirmadas pela análise da tentativa de Levillier, mostram que são bem justificadas as reservas já expostas sobre a legitimidade de dar às fontes cartográficas um lugar de destaque na reconstrução crítica das navegações da época. E' evidente que com isso não queremos absolutamente excluir, em princípio, a utilidade do aproveitamento também dessas fontes, mas queremos prevenir que devem ser empregadas somente dentro dos limites que a experiência e o bom-senso sugerem.

Quem escreve está profundamente convencido de que a mais grave *aporia* a dificultar todo progresso concreto no campo dos nossos estudos, deve ser identificada no enfraquecimento do espírito crítico, freqüentemente subjugado por instâncias alógicas, paralógicas e pseudológicas, mas que, no entanto, têm a orgulhosa pretensão de ser, às vèzes, as únicas legítimas e conclusivas.

GIUSEPPE CARACI

da Universidade de Roma.